

bulunga

revista



BIM CARVALHO

neste número entrevistamos o ator, diretor, professor, músico e um monte de outras coisas, que está fazendo o maior sucesso com a peça teatral "A Natureza dos Machos"

EDITORIAL

Na natureza nada se cria: tudo se copia. Tomando como base essa premissa, só nos resta cumprir a nossa predestinação de não sermos inéditos.

Sendo assim, saímos buscando inspiração em outras revistas digitais, tentando adequar o nosso conteúdo ao que as pessoas mais desejariam ler.

Amigos mais próximos nos aconselharam a não escrevermos artigos muitos longos, pois *os jovens tendem a ser mais preguiçosos, e os mais velhos só ficam pensando na morte e não leem nada além de bulas de remédios*, mas somos teimosos, e no nosso imodesto conceito, o conteúdo da revista é até muito “enxuto”.

Sabemos que nesse mundo imediatista, que está próximo do fim, as pessoas não tem mais paciência para ler, nem para ver filmes, pois tudo precisa ser muito rápido e instantâneo quanto os vídeos do Tik-Tok e do Kwai, e assim acabamos tendo que nos adaptar, para sobrevivermos aos próximos números.

Por isso, *a partir deste exemplar 14 resolvemos iniciar pequenas e graduais mudanças em nosso visual e também no conteúdo*, aproximando-nos do que se vê por aí, seja bom ou ruim. Espero que aprove.

entrevistado do mês

BIM CARVALHO

Ele é ator, diretor, baterista, professor, pedagogo e um monte de coisas mais, e está fazendo o maior sucesso com o personagem Vidigal, um hilário machista convicto que não se cansa de dar palpites errados na vida do amigo Mário, na peça "A Natureza dos Machos", que concorre ao prêmio SINPARC de melhor espetáculo do ano, em Belo Horizonte. Conheçam um pouco deste artista extremamente talentoso



BULUNGA - Bim Carvalho... de onde vem esse apelido "Bim"?

BIM CARVALHO - O meu nome Éber carvalho, é um nome bíblico, e os meus pais são cristãos, mas Éber é difícil de pronunciar, e as pessoas me chamavam de Hebe Camargo. Eu era pequenininho, baixinho, gordinho, e aí foi só diminuindo, era Ebinho, Binho, até que ficou Bim, mas até chegar nisso sofri muito bullying por causa da Hebe (risos), e acabei adotando Bim. Tem muita gente que acha que meu nome é Rubens, Rubinho, mas não tem nada a ver.

BULUNGA – Como foi o “despertar” desse seu talento artístico?

BIM CARVALHO - A arte é que nos chama, ela nos aceita e desde pequeno eu percebi que tinha essa facilidade, porque sou caçula de cinco irmãos e todos tinham talentos. O mais velho cantava e tocava, o segundo cantava e tocava também, o terceiro era um ótimo desenhista e era o mais inteligente, e penúltimo toca todos os instrumentos, compõe, e eu não sabia fazer nada. Até os 16 anos não tocava e o meu único talento era fingir que estava chorando. Mexia com meus irmãos, provocava a minha mãe e

quando ela ia me bater, começava a chorar até sair lágrima, esperneava como se estivesse morrendo de sentir dor, e ela desistia, pois falava que eu era muito escandaloso. Foi assim que eu descobri que tinha talento para representar. Depois comecei a dançar, a imitar o Michael Jackson, e tinha o corpo muito elástico, tinha muita abertura. Eu cresci no meio cristão, na igreja, e quando tinha seis anos, no “prézinho” já fazia todos os papéis no teatro. Em 1994 peguei o maior papel, em “Romeu e Julieta”, e no final o diretor da escola falou “esse menino tem talento”, e pode ser ator. Foi aí que descobri a palavra “ator”. Imitava todas as propagandas, fui fazer teatro na igreja, e foi também quando despertou o talento para a música e comecei a tocar todos os instrumentos. Comecei a tocar bateria imitando os movimentos dos bateristas, mas sem nada nas mãos, só repetindo os gestos. Na primeira vez que me sentei para tocar uma música saiu ela toda, pois eu já sabia os movimentos. Depois acabei estudando música, estudei teatro também, no NET, fiz Escola Livre de Artes e foi muito legal, sensacional essa experiência.

BULUNGA – Além de ator diretor, baterista, professor de teatro... o que mais?

BIM CARVALHO - Depois que acabei o meu curso de teatro, comecei a dar aula em uma escola de integração e hoje sou o coordenador dessa escola. Também sou pedagogo, além de músico, ator e diretor de teatro. Tenho uma paixão por teologia, adoro ministrar palestras e dançar. Componho música e quero me tornar escritor. Estou rascunhando dois livros, um teológico e outro sobre o teatro no ensino fundamental.

BULUNGA – Parece que o sucesso da comédia “A NATUREZA DOS MACHOS” só vem crescendo e está concorrendo ao prêmio de melhor espetáculo teatral pelo Sinparc. Como veio a ideia de fazer esta peça e você imaginava que teria essa repercussão?



BIM CARVALHO - A Natureza dos Machos foi um presente que recebemos do Michel, que estava muito inspirado quando escreveu a peça. A primeira vez que li o texto já fiquei apaixonado, e poder dirigir e atuar nela foi um presente divino e agradeço demais ao Michel, mas a gente já sabia que seria um sucesso, pois o texto já é muito engraçado. A peça é bastante atual, apesar de escrita há muito tempo, e é uma comédia muito fácil, mas ao mesmo tempo muito inteligente, e a gente tinha a certeza de que seria um absoluto sucesso. Ver isso acontecer na prática é emocionante. Só em estar entre as peças mais importantes, só em ser indicada a gente já está realizado, mas se ganhar estaremos no lucro. O fato de estar entre as melhores peças na 47ª Campanha de Popularização do Teatro já é um demonstrativo de que estamos no caminho certo.

BULUNGA – Quais as suas principais influências no teatro, no cinema ou televisão?

BIM CARVALHO - Sou apaixonado por cinema, que é a minha escola, mas também seriados, televisão. Eu gostava muito do Chaves, e ficava horas vendo as interpretações do Ramon Valdez, o “Seu Madruga”. Gosto do trabalho corporal, da mímica, de Chaplin. Na televisão, gosto do trabalho da Adriana Esteves, que é sempre muito competente nos trabalhos que faz, e de Murilo Benício, seu par em algumas novelas. Tem também o ator Christian Dale, que faz uma verdadeira transformação em cada trabalho.



BULUNGA - Com o seu trabalho como professor de teatro, tem encontrado muitos talentos? Como esses talentos podem deslanchar nesse difícil mercado de trabalho?

BIM CARVALHO - O teatro é uma ciência humana. Se todas as pessoas fizessem teatro, seriam pessoas melhores, porque o teatro nos dá uma visão de igualdade, de respeito, de dignidade, de autoestima, potencializando nossas capacidades. Tive a satisfação de ter uma aluna que hoje é profissional e atua conosco na peça. Na época, tinha oito ou nove anos e hoje está com 22 anos, do meu lado, o que é uma honra, uma satisfação incrível. No trabalho como professor estou pronto para ensinar,

mas também para aprender, pois descubro novos caminhos e possibilidades, é uma troca permanente.

BULUNGA – Qual foi a origem do “Quinta Cena” e o que significa?

BIM CARVALHO - O Quinta Cena é fruto da união de três amigos, sendo dois de mais tempo, eu e o Patrick, que fizemos um curso de teatro juntos, em 2012, e lá fizemos vários esquetes. Depois que terminamos o curso ficamos uns dois anos longe, só prometendo, até que conhecemos "A Natureza dos Machos", e o Patrick apresentou um novo membro (William) e resolvemos registrar, mas não tínhamos ainda um nome. Um dia estávamos discutindo sobre isso, os nossos ensaios eram sempre nas quintas feiras e estávamos ensaiando por várias vezes a quinta cena. Acabou ficando o nome: Quinta Cena.



BULUNGA – Soubemos desse seu trabalho como líder de grupos na igreja. Você mantém no púlpito essa mesma atitude divertida da peça "A Natureza dos Machos", onde vive um personagem hilário, algo parecido com faz o "Pastor-piadista" Cláudio Duarte, ou é mais sério? Como é o seu trabalho?



BIM CARVALHO – Admiro o trabalho do Pastor Cláudio Duarte, gosto muito das palestras dele, é muito divertido, é um talento nato, mas as minhas palestras são mais dramáticas, mais para as lágrimas. Sou um cristão confesso. Frequento igreja desde pequeno e acho um ambiente saudável e acho que a igreja hoje é uma introdução artística cultural muito grande. Muitos dos maiores nomes da música vieram da igreja, Michael Jackson, Whitney Houston, entre outros. A igreja tem dança, tem música, tem teatro, tem palestras, é um show de cultura, e isso vai despertando sensibilidades, criatividade. Isso para mim foi uma experiência religiosa cultural e muito me ajudou na escola, na socialização. A igreja no Brasil é uma influência cultural muito grande e facilita a descoberta de talentos. Teremos assim um jovem muito mais capaz, pleno, dominando sua autoestima e expressando seus sentimentos. A igreja é um lugar de comunhão. Fizemos recentemente um musical com teatro, dança, vídeos e efeitos especiais, com uma mensagem religiosa com princípios cristãos de forma impactante. Não quero parar com o teatro, mas tenho feito muitas coisas ao mesmo tempo. Acabei de participar de uma série, "A Segunda Pele", onde fiz uma ponta, acho que apareci uns cinco segundos, mas foi muito legal. Tenho feito algumas propagandas, estou no mercado de trabalho e tenho lido muito. Quero fazer cinema, TV, pois estou no auge, aos 35 anos, e precisou de mim, Bim Carvalho, estou na área.



LIBERTE SEU TALENTO

FAÇA TEATRO, CINEMA E TV

no Núcleo de Estudos Teatrais - NET

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site "www.teatrodonet.com.br", ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

WOODY ALLEN

Antes de mais nada, é preciso registrar que Woody Allen é feio. E como é feio. Fica perfeito no personagem criado por ele, ainda no tempo do Stand-Up, nos anos 1950, como um cara neurótico, tímido, perdedor, porém um intelectual, características muito semelhantes (tirando apenas o perdedor) com as do ator novaiorquino Allan Stewart Konigsberg, nascido em 30/11/1935, e que foi o responsável por inesquecíveis sucessos do cinema, como Manhattan, Meia Noite em Paris, Blue Jasmine, Match Point, A Rosa Púrpura do Cairo, Noivo Neurótico - Noiva Nervosa, entre vários outros, tendo recebido as mais destacadas premiações, inclusive 4 Oscars (e 24 indicações).



Mas para quem não sabe, ele também é autor de vários livros de sucesso, como “Cuca Fundida”, “Adultérios”, “Insanidade Mental”, “O Nada e Mais Alguma Coisa”, apenas para citar alguns.



Woody Allen pode ser considerado um dos principais precursores do stand-up, com seus textos de humor autodepreciativo que foram levados ao cinema, quase sempre com ele no papel principal, mas não se mostrou bom apenas em comédia, tendo presenteado o público com sofisticados dramas.

Porém, nestes tempos do politicamente correto, poderia ser até perigoso fazer uma homenagem a alguém que tenha alguma grande polêmica em sua vida, como é o caso deste famoso ator, diretor, escritor, e músico de jazz, mas só fazemos isso porque a ação contra ele, de estupro de vulnerável, foi encerrada.

Para quem não conhece o caso, Allen foi acusado pela sua ex-esposa, a atriz Mia Farrow, de ter abusado sexualmente de sua filha adotiva, Dylan Farrow, então com 7 anos, mas na época ficou parecendo que poderia ter sido uma vingança contra o ex-marido, por ter se envolvido (e se casado) com a outra filha adotiva de Mia, de um casamento anterior, Soon-Yi. Quanta confusão!

Após um batalhão de exames médicos e psicológicos realizados com a menina, Woody foi considerado inocente, mas após adulta, Dylan veio reafirmar a violência que sofreu. Contudo, anos mais tarde, o irmão Moses foi quem denunciou o tratamento abusivo de Mia contra os filhos, o que acabou por aliviar a situação de Allen.



Escândalos sexuais é o que não falta na indústria do cinema, e para citar apenas os mais recentes, tivemos Bill Crosby, acusado de pedofilia, Kevin Spacey, por suas investidas contra vários atores, e Harvey Weinstein, que abusava de suas atrizes. Todos foram afastados das telas e suas imagens ficarão manchadas para sempre. Porém, Allen não entrou oficialmente para esta lista, mas a dúvida sempre há de pairar sobre ele. Já o seu afastamento das telas se deu por razões naturais: a idade e a neurose com a Covid-19, desde então se recusando a sair de casa e a conviver com os demais seres humanos.





Todos os dias milhares de brasileiros como eu recebem mensagens em seu telefone móvel informando que foram realizadas compras de altos valores em sua conta bancária ou no cartão de crédito, e que, caso não sejam reconhecidas, será preciso ligar para determinado número com prefixo 0800.

Um dia desses estava com tempo de sobra e resolvi ligar para os meliantes. Um atendente com voz efeminada me atendeu e parecia estar em um banheiro.

Em determinado momento da conversa, o golpista informa que “estarei entrando” no sistema, faz algum barulho com um teclado e pede que confirme os três primeiros dígitos do CPF e do CEP, o que comprova que ele tem acesso a todas as minhas informações. Ao final, solicitou que eu digitasse minha senha, e aí perguntei a ele de qual presídio estava falando. O cara se atrapalhou todo e acabou encerrando a ligação. Imagino que ele fica ali o dia inteiro, telefonando para as pessoas até conseguir pegar um trouxa.

Mas fora do ambiente virtual, ainda tem o famoso golpe da aliança, quando o malandro logo à sua frente se agacha e finge ter encontrado o objeto valioso, se vira para você e pergunta quanto deve custar. Por ser grossa e pesada, logo estabelece um valor alto, e aí o vagabundo diz que quer vender por uma quantia bem menor, porque está precisando do dinheiro, momento em que o trouxa acredita que está fazendo a maior vantagem e paga o que o outro pediu.

GOLPES

Tem ainda o golpe da bolsa cheia de dinheiro, que é uma sofisticação da famosa saidinha de banco: avisado por um comparsa, o meliante vai atrás da vítima e oferece a ela uma oportunidade de negócio qualquer, e para provar que a coisa é boa, mostra a sua bolsa recheada de maços de dinheiro. Logo em seguida, se oferece para segurar a bolsa da vítima e, diante da negativa, ofendida com a desfeita, entrega a sua própria bolsa ao otário, cheinha dos milhões.

A vítima acaba cedendo, talvez diante da “garantia” que o outro lhe dá, mas este, como num passe de mágica, desaparece, e só aí o otário abre a bolsa e percebe que só havia notas de verdade nas capas dos maços de cima, e que o meio é recheado de papéis em branco.

Acredite, tem gente que ainda cai nesses golpes estúpidos. Geralmente, as vítimas desses são pessoas que pretendiam se dar bem na situação. Não tem santo nessa história.

Ninguém pode impedir

Isaach Monifa

Foi uma noite curta, e mesmo ao pegar o ônibus lotado e vir praticamente dependurado na porta, a modorra dominava-me. Havia passado a noite anterior em goles, tragos e tira-gostos, falando de futebol, política e, claro, mulheres. Era o trivial entre os amigos, salvo um ou outro mais acostumado às trivialidades ainda mais banais como o dia no trabalho, o reajuste nas prestações dos carro e a última reunião escolar do filho, onde se anunciou a utilização comum dos banheiros entre garotos e garotas. Não era de se admirar que cada vez mais cedo meninas engravidassem (não raro aos 11, 12 anos) enquanto os garotos diziam orgulhar-se de encher a terra com seus rebentos...

Dormi pouco mais de quatro horas, pois deveria pegar o coletivo às 5:30h caso quisesse chegar às 8 no serviço. Isso se não houvesse acidentes, pistas bloqueadas por meia dúzia de manifestantes e seus pneus queimados, ou reparos nas sempre irreparáveis ruas e rodovias.

Estava sonado, e assim desci na Av. Santos Dumont, bem a tempo de ter o crucifixo, de ouro duvidoso, arrancado do pescoço. Olhei para o meliante e avaliei, em dois segundos, se valia a pena correr atrás dele ou simplesmente ignorar a peça furtada, afinal, não era um objeto de valor... mas dadas as circunstâncias, o meu orgulho se ferira, pois um homem do meu tamanho deveria naturalmente ser obstáculo à ação de trombadinhas, o impeditivo para não agirem por impulso e pensarem duas ou três vezes antes de se decidirem pelo delito.

Pus-me a correr, sem saber se conseguiria subir a rua Rio de Janeiro, dadas as precárias condições físicas, fruto da ressaca e torpor muscular, mas algo havia iniciado em mim, e não sei de onde as forças me tomaram e investi-me contra o ladrão com uma energia e disposição inesperadas. Pouco mais de um quarteirão à frente, estava a dois ou três metros dele, e gritei para os transeuntes na calçada: "Ladrão! Pega!... Pega!". Pensei que alguém poderia barrá-lo, dar-lhe um murro ou rasteira, esperava que poderiam tomar a iniciativa de ajudar-me... mas subitamente, vi-me no chão, estatelado como um saco de batatas, após sentir uma pancada na perna. Atordoado, sem entender o ocorrido, levantei-me rapidamente e, ao olhar para a frente, não via mais o meliante. Um homem, lá pelos seus quarenta anos, abordou-me:



- O que pensa estar fazendo? - encarando-me em um misto de indignação e desaforo.

Ora, raios, o que eu poderia estar fazendo à caça de um ladrão?!... Estaríamos brincando de pega-pega ou polícia e ladrão?... Só poderia ser engano, o maldito miserável, ao me dar a pernada, confundiu-me com o ladrão e vice-versa... mas seria esse o primeiro caso de um ladrão perseguindo o dono... Será que o imaginou em uma crise de consciência, desejoso de devolver a mercadoria furtada e se desculpar pelo roubo, enquanto o dono fugia apavorado, imaginando ser alvo de novo ataque? Era muito peculiar, para dizer o mínimo, aquele suposto cenário... fato é eu ter perdido a luta, o cordão e o crucifixo e ainda o orgulho, ao esfarelar-me, ferido mortalmente.

-O que estava pensando ao me dar uma rasteira?... - Disse eu, entre zombeteiro e provocativo.

- Eu tinha de impedi-lo, como bom cidadão que sou.

- Me impedir?!... Está de brincadeira! Só pode!... Por que não atrapalhou o bandido?!

- Sabe que não posso, amigo!... - Disse mais calmo e mais petulante.

- Não pode?!... Por que pôde comigo?!... O que se passa na sua cachola?! - E apontei para a sua cabeça calva e lustrosa, como se tivesse passado cera ou impermeabilizante, incapaz de fazê-lo preservar o juízo.

- A lei me proíbe, sabe disso!

Eu não sabia de nada, nem de lei ou qualquer outra coisa a me obstruir em reaver o meu cordão. Balancei a cabeça sem entender... Ele percebeu a minha perplexidade.

- Tem uma semana que o governo promulgou uma lei que proíbe atos de violência contra assaltantes, em casos de crimes envolvendo valores insignificantes.

- Com é que é???

- Que os furtos são permitidos até o limite de 5 salários-mínimos, sem ser considerado infração e a necessidade de ressarcimento ao proprietário do bem.

- Isso é loucura, meu Deus! E como você sabe que o valor daquela corrente era insignificante?

- Estava na cara que era falsa... você iria se complicar por causa dela. Poderia até ser preso se tentasse tomar de volta do assaltante. Eu te salvei.

-Me salvou??? Não acredito! Você está de palhaçada! Não é possível isentar roubos de 5 salários enquanto se cobra impostos de quem ganha 3... - disse, incrédulo, mas ao mesmo tempo reconhecia ser possível, dado os elevados níveis de obscuro cinismo e escabroso corporativismo nas esferas políticas e governamentais.

- Quer ver? A nova Lei entrou em vigor a partir deste mês.

Tirou o celular do bolso e abriu na página do Diário Oficial da União, onde estava lá, promulgada havia menos de 4 dias.

Mesmo acostumado a todo o tipo de disparate e besteira produzida no país, fiquei assombrado ao ver, com todas as letras, a oficialização do roubo...

Meus olhos não estavam enganados, e ao mudar de página, o homem mostrou-me uma série de depoimentos elogiosos de sociólogos, líderes sindicais, juristas e políticos. Havia até mesmo o discurso de pacificação, acerca de ser aquela medida benéfica para a paz e harmonia entre as várias camadas da sociedade, agora não mais afeita a disputas microscópicas, de infinitesimal importância, no dizer deles. Havia um quê de zombaria, de deboche para com a maioria da população, pois eles mesmos, os promotores daquela aberração, não seriam abarcados pela nova lei. Era sempre assim: pimenta nos olhos dos outros é refresco, como dizia a minha querida vovó.

Distraídos com as manchetes e comentários, não vimos alguém se aproximar rapidamente e tomar o celular das mãos do meu interlocutor, saindo em disparada no meio da multidão. Nisso, o homem iniciou a carreira no encalço do ladrão, mas, cidadão também zeloso como sou, taquei-lhe um chute nas pernas, enquanto o vi, assim como ele me viu, esborrachar-se na calçada.

Boquiaberto, olhou com raiva, enquanto esfregava a canela.

Pus-me a andar, mas antes de dar-lhe as costas, disse a ele:

-Está na cara que era um aparelho falsificado e não valia muita coisa. Agora estamos quites!



Prestes a lançarem robôs que pensam e agem por vontade própria, milhões de pessoas vivem em condições desumanas, realizando tarefas repetitivas que poderiam ser executadas por... robôs.

Não dá para entender como funciona o cérebro humano, e talvez essas máquinas sejam realmente mais inteligentes, mais focadas, mais produtivas, menos nocivas, menos egoístas e menos destruidoras do que suas matrizes carnis.

Enquanto isso, a tecnologia vai roubando os postos de trabalho humano, sem que as populações possam usufruir da ociosidade imaginada pelos utópicos, que idealizavam um futuro em que os humanos ficariam numa boa, viajando, produzindo e consumindo arte e entretenimento, enquanto as máquinas fariam todo o serviço repugnante.

Hoje em dia só se fala em carros elétricos, que prometem fornecer uma “energia limpa”, substituindo definitivamente a utilização dos combustíveis fósseis, mas o processo de fabricação dessas gigantescas baterias resulta uma destruição ainda maior do meio-ambiente, isso sem contar os custos extraordinários desses produtos, que podem chegar a 60% do preço do carro, ou mais, bem como a logística que precisa ser empregada para se construir pontos de abastecimento espalhados pelas cidades e estradas do mundo, o que, certamente, tornará essa alternativa ainda mais cara, isso sem contar os riscos envolvendo o descarte dessas baterias.

Os governos desperdiçam uma quantia inimaginável de dinheiro com programas espaciais, com o propósito de povoarem outros planetas, quando ficaria muito mais barato utilizar esse dinheiro para reverter a degradação provocada, inclusive, por esses projetos espaciais.

tecnologia

MISTÉRIOS

ATLÂNTIDA

Relatos de Platão, bom base em histórias ouvidas durante suas viagens, falam de uma civilização altamente evoluída que vivia em uma ilha ou continente e foi submersa de uma forma abrupta, seja por um terremoto, um tsunami ou um grande meteoro, mas as dúvidas quanto a sua possível localização são imensas, alguns palpiteiros acreditando que estaria sumersa pelo gelo da Antártida, ou que seria a própria América do Sul, ou ainda que estaria encoberta em algum ponto do oceano Atlântico, próximo ao sul da Espanha.



O MANUSCRITO VOYNICH

Um livro escrito à mão, com alfabeto desconhecido e desenhos de plantas que nunca existiram, símbolos astrológicos e outras coisas estranhas, com 240 páginas, datado do século XV, que teria sido escrito por um maluco ou por um extraterrestre, e que ganhou esse nome por causa de seu descobridor, o livreiro Wilfrid Voynich.



ANTÁRTIDA

Três quilômetros abaixo do gelo da antártida tem muita terra. E abaixo dessa terra ninguém pode imaginar o que há. Possivelmente, cidades perdidas, fósseis, evidências extraterrestres, fadas e unicórnios, talvez a mitológica Atlântida, nesse continente de aproximadamente 14 milhões de quilômetros quadrados e que apresenta as mais baixas temperaturas do planeta, onde já foi registrado o recorde de $-93,2^{\circ}\text{C}$.



O MAIOR RIO DO MUNDO

O rio Amazonas não é o maior rio do mundo. Debaixo dele, a 4000 metros abaixo da superfície da Terra, existe um rio ainda maior, 100 vezes mais largo, embora um pouco mais curto, e foi batizado de "Rio Hamza", descoberto nas décadas de 1980 e 1990 pela Petrobrás, em suas incontáveis perfurações na região. Ele nasce na região do Acre e vai desaguar no Oceano Atlântico, mas de uma forma muito mais lenta que o Amazonas. Podem não acreditar, mas a floresta amazônica também possui um rio de água ferverte chamado Shanay-timpishka, com 6.24 quilômetros de comprimento e temperaturas de 86°C .

AS PIRÂMIDES



Fica difícil entender a razão de tão trabalhosas estruturas para servirem de túmulos de Faraós, seus parentes e outras pessoas influentes da época, mas não era só no Egito que existiam pirâmides, mas também no México e nas Américas do Sul e Central. As pirâmides, geralmente, possuem uma série de câmaras secretas e as mais variadas armadilhas, mais ou menos como vimos nos filmes de Indiana Jones e em O Segredo da Múmia. As autoridades da época eram embalsamadas e seus valiosos bens e alimentos variados eram guardados na câmara, para que o morto pudesse fazer um rango legal e penhorar suas joias assim que acordasse.

OVNIS

A maioria dos Objetos Voadores Não Identificados que circulam por aí são espaçonaves criadas por nações com o propósito de espionarem outras nações, assim como aconteceu com a China, que teve seus balões recentemente abatidos pelos Estados Unidos, pois estava de olho em pontos estratégicos do planeta. Mas a maior parte dos objetos estranhos que vemos são, na verdade, drones ou outras farsas produzidas de forma amadora, com alguns desses sustentados por fios de nylon e artimanhas facilmente desvendadas por especialistas. Pode até existir a possibilidade de que algumas dessas aparições serem verdadeiras, mas dizem que as autoridades não podem confirmá-las, para que não haja uma imediata desestabilização nas crenças populares, o que poderia levar a uma convulsão em nível mundial.



FANTASMAS

Fantasmas não existem, é o que garantem alguns estudiosos desses fenômenos, mas que saem correndo, diante das mais patéticas manifestações sensoriais, como móveis e objetos que se mexem sem que ninguém os tenha tocado. O cinema faz o maior sucesso com o tema, com filmes do tipo “As Bruxas de Blair”, “O Sexto Sentido”, “Os Outros”, “Gasparzinho” e “Os Caça-Fantasmas”, mas nenhuma explicação foi capaz de nos convencer da veracidade desses fenômenos paranormais.

Alguns estudiosos afirmam que não passam de demônios, que se manifestam até mesmo à luz do dia, mas não sei qual dos dois é pior. O melhor é correr.

PAPAI-NOEL, SACI-PERERÊ, DUENDES E FADAS

Esses personagens populares não foram criados do nada: são baseados em tradições orais, passados ao longo dos séculos por diversas gerações, até chegarem aos protótipos que conhecemos, a exemplo do Papai-Noel, símbolo do natal e responsável por fantásticos resultados comerciais pelo mundo afora. Os demais são apenas coadjuvantes, com certo destaque para os duendes, que enfeitam os jardins.



MORALISMO PURITANISMO DIREITOS E COSTUMES

James Hillsdale

O termo “moral” teve origem na palavra grega “ética”, sendo que ética é algo mais individual e pode ser influenciada pela moral, que é um sentimento coletivo, ou vice-versa: a moral pode influenciar a ética. Saber qual é a determinante e qual é a determinada é um assunto interminável que pode gerar apaixonados debates entre os teóricos de plantão, que arriscarão recorrer ao enfadonho livro de Lacan, “A Ética”, mas aconselho a não lerem, pois fui obrigado a fazê-lo nos tempos em que estudava psicologia e quase cometi um harakiri por conta disso.



A ética influencia a moral, ou a moral influencia a ética, tanto faz, e ambas se baseiam nos costumes, que dão origem às Leis. Mas nem sempre o que é ético ou moral está nas leis. E nem tudo que está nas leis é ético ou moral. É muito complicado tudo isso, e assim devemos partir para os exemplos.

Existem países onde a poligamia masculina é admitida, enquanto a feminina pode resultar em apedrejamento.

Entre os esquimós, o anfitrião costuma oferecer a sua esposa para dormir com o visitante, sendo que a recusa pode ser tomada como uma grande ofensa.



Em alguns lugares, é comum que os homens se cumprimentem beijando na boca, como na Rússia, ou costumam passear pelas ruas de mãos dadas, como na Arábia Saudita, o que nada tem a ver com questões relacionadas à homossexualidade. O mais estranho é que, neste último, é proibido homens e mulheres demonstrarem afeto publicamente, mesmo que seja com um “selinho”.



Na China, arrotar na mesa, após a refeição, é um elogio ao cozinheiro ou anfitrião, assim como escarrar no chão é considerado algo saudável.

No Chile e no Equador, chegar a um compromisso no horário marcado pode ser considerado um gesto rude: o correto é atrasar de 15 a 30 minutos.

Na Índia existe a prática do Taarof, que consiste em se recusar determinado gesto, como o pagamento de uma compra feito por alguém em posição social mais elevada, que deve insistir até

pagar a quantia; ou em aceitar o convite social para uma visita, que não passa de uma formalidade, mas se o convidado for ao local, será mal visto, porque o convite teria sido “só por educação”.

Em alguns países, o gesto de apontar o dedo polegar para cima com a mão fechada é uma grande ofensa. Mascar chicletes, em Cingapura, pode resultar em multa e até em prisão.

Existe um país muito distante onde roubar grandes quantias de dinheiro não é crime, enquanto que surrupiar pequenas quantidades pode gerar uma pesada cana. Nesse país, os grandes ladrões são vistos como pessoas importantes, espertas, e podem galgar os mais altos cargos políticos enquanto o ladrão de galinhas é considerado um ser desprezível.

Na infância de muitos brasileiros acima dos 40 anos existia a matéria “Educação Moral e Cívica”, que era muito chata, e talvez por causa disso a situação chegou do jeito como está hoje, com essa permissividade abusiva. As crianças ficavam em fila, obedecendo a distância de um braço uma da outra, e eram obrigadas a cantarem o hino nacional.

O puritanismo dos Talibãs e dos Amishs, apenas para citar dois exemplos, é absolutamente intolerante com relação aos prazeres em geral, pois parece que eles gostam de sofrer, e o pior é quando a coisa se refere a sexo, que é um tabu insuperável, mas apenas o fato de assistir um filme ou ler um livro que não tenha necessariamente o cunho religioso é severamente punido.



Martinho Lutero



João Calvino

O interessante é que essa questão do puritanismo começou a ganhar volume com a ruptura de Henrique VIII com a Igreja Católica, pois queria se divorciar de Catarina de Aragão, dando origem ao Anglicanismo, que na verdade era quase igual à igreja com a qual rompeu, e que depois ganhou a oposição de movimentos como o Protestantismo (com Martinho Lutero) e o Calvinismo (com João Calvino).

A questão mais importante é que os puritanos sofrem muito, pois ninguém consegue seguir essa perfeita “retidão”, e acabam caindo em tentações, sendo desmoralizados por isso.

Já o moralista, também considerado “conservador” é aquele que quer ver a sociedade funcionando de forma eficiente, com a delimitação de direitos e deveres, tudo dentro das leis, mas sem as neuroses do puritanismo.

O que impulsionou o avanço do puritanismo foi a adequação do movimento aos interesses dos burgueses, classe em ascensão na época, pois a igreja católica condenava o lucro, considerado um pecado, enquanto a nova ideologia que surgia apoiava a livre iniciativa.

Em nossos tempos, parece ressurgir uma nova tendência puritana, em confronto com a devassidão de parte da sociedade que cresce em progressão geométrica, e se dedica ao “aqui e agora”, como se o mundo fosse acabar amanhã, por motivos diversos como a recente pandemia e os rumores de guerras. Mas não vai durar muito tempo: o mundo está para acabar, não tenha dúvidas disso.



Existe um novo canal na internet onde celebridades em decadência mostram suas partes íntimas aos seus fãs, que pagam para ver essas coisas, e a aventura vale tanto para homens quanto para mulheres, mas existe a expectativa de, em breve, fazerem parte do catálogo animais terrestres e aquáticos, além de seres extraterrestres, visto que a tara desse público consumidor é insaciável.

Dizem que algumas dessas celebridades estão ficando milionárias com essa exposição, e não duvidamos, pois os números da internet são surpreendentes, considerando que existem taradinhos(as) em todas as partes do mundo, daí a possibilidade de alcançarem cifras absurdas.

Nós, da Revista Bulunga, não entramos nesses canais, pois estamos muito velhos para tais aventuras, mas podemos imaginar como devem ser bizarros os pedidos dos fãs (ou fans) para que seus ídolos mostrem as amídalas através do reto, que façam poses contorcionistas, ou que vistam acessórios exóticos, como a roupa do Garibaldi, do Vila Sésamo (pesquise na net), por baixo de um biquíni fio dental.

Estamos caminhando para o fim, é o que dizem os conservadores, e talvez seja verdade, pois nossa sociedade segue o rumo da decadência num ritmo vertiginoso, e não vai demorar para lançarem canais de canibalismo, de necrofilia e outras coisas do tipo, se é que já não existem.

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO¹: muito além de um suspense

Jorge F. Isah

Ouvi falar deste livro, e a euforia ao descrevê-lo, fez-me comprá-lo, por uma bagatela, em um supermercado: R\$ 5,99, capa dura.

Sempre se referiam a ele como uma novela de suspense e terror, e, pela fama de James como romancista, achei que valia a pena visitar a obra, a despeito do gênero não ser muito do meu agrado. Tudo seguia o curso natural, quanto ao que me fora dito; e, no início do livro, pareceu-me que o autor demorava um pouco a engrenar a história, mas, depois de ajustar-se, percebi-me diante de uma empreitada impossível: parar de ler!

O pano de fundo são aparições sobrenaturais (já percebíveis nas primeiras páginas) que mudam por completo a vida das pessoas que moram em Bly, uma cidadezinha interiorana da Inglaterra. Esse é o pano de fundo, pois o autor na verdade usa-o para falar de algo muito mais importante: a percepção da realidade, o que vemos, o que sentimos e imaginamos, e como reagimos diante dela, de maneira que as relações pessoais tomam um aspecto diferente à medida que a objetividade, de certa forma, é alterada pela subjetividade de um dos personagens. Pode ser que alguém esteja realmente a ver o que os outros são incapazes de fazê-lo, mas pode também ser que esse alguém esteja criando uma ilusão, como resposta ao que lhe acomete ao redor, concebendo um mundo de angústia, aflição, dúvidas, mas de cuidado, solidariedade e, também, amor... Quem ler, entenderá certamente.

Outro ponto a se descartar é a questão dicotômica “racionalismo versus o sobrenatural”. Havia três séculos em que o apelo à razão, como única fonte de se compreender e entender a realidade, ganhava cada vez mais terreno; e para muitos as coisas sobrenaturais apenas existiam como tais por ainda não terem sido explicadas pela razão. A certeza disso era tanta que filósofos e escritores se empenharam em proclamar a “morte de Deus”. E contou até mesmo com a colaboração de religiosos e teólogos, encarregados de desmistificar aquilo que as suas mentes não conseguiam abarcar e entender. Ora, se existe uma pompa e alto grau de soberba humana é quanto à complexidade da criação e da vida estarem sujeitas às limitações da razão, ainda mais se levarmos em conta a razão pós queda, ou seja, os efeitos noéticos do pecado sobre a razão, tornando-a suscetível a imprecisões, falhas, análises e formulações equivocadas ou, no mínimo, duvidosas. Depositar sobre ela certezas inexoráveis é sinal de fé irracional e fanática².

Bem, sem entrar no mérito da questão, “fé versus cientificismo”, Henry James vai além ao criar um enredo não somente gótico, cuja tensão espalha-se progressivamente pelas páginas enquanto se avança a leitura, mas estabelece também a discussão quanto as questões transcendentais e metafísicas desprezadas levianamente por alguns filósofos e outras classes de estudiosos. Então, não se engane: a história não se resume a sustos e em prender a atenção do leitor (James é magistral nessas qualidades, entre outras), mas em arrazoar sobre aspectos tocados pela realidade, e deixar a decisão ao leitor, caso queira se decidir ou se considere capaz de fazê-lo.

Obviamente, ele não é um relativista, a defender a inexistência de verdades absolutas, não. James não seria tolo para enredar-se nesse campo minado do pensamento, mas já era perceptível o empenho de alguns, em sua época, em enfocá-lo, assim como a inutilidade e o sem-sentido da vida. Se por um lado o racionalismo quer matar Deus, o relativismo quer matar a razão, a realidade objetiva e a moral. Evidente tratar-se de dois movimentos auxiliares, mesmo parecendo antagônicos, onde um abastece-se do outro e vice-versa. A causa de ambos, no final, é uma só; cada uma atuando em frentes diferentes na batalha. Entretanto, muito antes de fechar a questão, Henry James deseja reabri-la, para o bem do homem. E é o que ele faz, nesta novela aparentemente desprezível, mas muito mais profunda do que faz parecer a superfície. Portanto, de novo, o alerta: não se engane com sinopses e resenhas a descrever o livro como um mero exemplar do estilo “Terror Gótico”, isso seria desvalorizar todo o trabalho do gênio.

Por essas e outras coisas, não farei a sinopse, pois não quero antecipar o enredo e estragar o prazer do leitor (é o meu “modus operandi”). Também não é o meu objetivo, visto nunca gostar de ler resenhas de livros e filmes (se é para ler um “resumo” do livro ou filme, prefiro lê-lo ou assisti-lo). Gosto mesmo é de tocar em pontos eventualmente despercebidos à maioria dos leitores (certamente existem pontos em que esses leitores percebem aspectos a não me serem perceptíveis); detalhes que me chamam a atenção e me fazem saborear a leitura.

Portanto, fica a dica: leia esta novela, não como um mero livro de suspense, mas onde a realidade e as relações interpessoais (suas nuances e alterações e sentimentos e percepções) são os verdadeiros protagonistas da trama.

E deixe a bitola para os trens e os trilhos.

Notas: 1-O título remonta à ideia de algo a piorar enquanto se aperta. Tal qual o parafuso apertado, a cada volta, os envolvidos na trama se veem mais e mais aprisionados em seus dilemas, explicados e inexplicáveis... E o livro faz jus a ele.

2-Ao se crer na infalibilidade da razão, de ser capaz de explicar tudo, mesmo o desconhecido, o intangível, milagres e manifestações não regidas pelas leis naturais, e de ser apenas questão de tempo, do homem e a ciência evoluírem ao ponto de não haver mais o “inexplicável”, a dose de fé dos cientificistas e racionalistas é a mesma de um fanático religioso.

MAS É CARNAVAL...



O Carnaval está aí, começou mais cedo, semanas antes, e possivelmente **deverá ir muito além da quarta feira de cinzas**. O povo quer extravasar, quer copular, nesse gigantesco ritual de acasalamento que até bem pouco tempo via nascer uma nova geração entre os meses setembro e novembro, mas as autoridades já alertaram que o fenômeno não está se repetindo nesses últimos anos, pois a diversidade tem conquistado espaço e o que mais se vê é homem com homem e mulher com mulher, e assim não tem como a espécie se multiplicar, a não ser em laboratório.

Gente bêbada, drogada, corneada, suada, defecada, vomitada, esse é o verdadeiro espetáculo que pode ser visto nas mais variadas cidades do país, ocasiões em que **o povo se esquece dos absurdos da política e da economia para se jogar no samba**.

É muito pitoresco ver aquelas pessoas nas avenidas e nos salões pisando freneticamente em brasas imaginárias, com braços abertos e sovacos suados, com um sorriso estúpido no rosto, num arremedo de felicidade que não irá durar muitos dias, **daí a necessidade de se estender a bagunça por duas ou mais semanas**, ou talvez para o resto do ano, emendando o carnaval com o natal e o ano-novo, para se justificar o título de “o país do carnaval”.

E enquanto o povo samba, a política e a economia vão de mal a pior.

PROMOÇÃO

20% OFF

E FRETE GRÁTIS

**EM TODA A
LIVRARIA**



seboearte.com



Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com



SPOILLERS

Está no catálogo da NETFLIX o filme GLASS ONION (Cebola de Vidro), que aproveita o mesmo personagem do filme “Entre Facas e Segredos”, do diretor Rian Johnson, mais uma vez encarnado pelo famoso ator Daniel Craig, que já viveu o papel do agente secreto 007, interpretado no passado por Sean Connery, Pierce Brosnan, Roger Moore, Timothy Dalton e George Lazenby (esse nem eu sabia).

Craig, ou melhor, Detetive Benoit, é uma espécie de gênio, e consegue perceber detalhes que uma pessoa normal jamais conseguiria, mas qualquer um poderá concluir que o vilão da história é o bilionário Miles Bron, interpretado por Edward Norton. Ele reúne em sua ilha um bando de gente mal resolvida, desafiando-os a tentarem descobrir quem será o seu assassino naquela noite.

Importante explicar que Bron era sócio de Cassandra, que havia sido assassinada por ele (soube-se depois), porque era contra o uso de uma nova fonte de energia não suficientemente testada, que o deixaria ainda mais bilionário, e sua irmã gêmea, Andi, assume secretamente o seu lugar, com o objetivo de vingá-la.

O mais interessante é que a grande e fabulosa prova da culpa do assassino era um guardanapo de papel onde Cassandra havia escrito a base para a fórmula secreta, mas Andi coloca o treco de bobeira na frente de Bron e ele queima. Que vacilo!

Todos os presentes eram amigos, dos tempos em que ainda eram pobres e Bron e Cassandra começaram a enriquecer. Ao longo da história vão sendo desvendadas as ligações dos presentes com o tal bilionário, e dois deles morrem naquela noite.

A sorte é que nesse filme o ator não fica fazendo boquinhas sensuais, como no personagem 007, o que é um saco, mas a sua atuação é a mesma de sempre e não traz qualquer novidade. Mas tem gente que gosta, assim como tem gente que acha Tom Cruise (que nem atua neste filme) um bom ator, o que não discuto.

Os demais personagens são caricatos, inclusive o Edward Norton, que surpreendeu em sua atuação em “Brooklyn – Sem pai nem mãe”, onde vive um detetive que sofre de uma síndrome de Tourette, mas que no filme da Cebola não empolgou.

As paisagens e as locações internas são suntuosas, mas fica só nisso. O roteiro é presunçoso e tenta nos fazer lembrar de Agatha Christie, com suas tramas fabulosas, onde todos são suspeitos de um assassinato, até o momento final, mas que, neste caso, fica só na vontade.

Kate Hudson, Jessica Henwick, Madelyn Cline, Kathryn Hann e Janelle Monáe, que fazem papéis de gostosas, estão fraquíssimas neste filme e nem vale a pena comentar.

Ah, esqueci de dizer que, no final, a mansão do bilionário explode, e o Miles Bron é desmascarado pela irmã gêmea de sua ex-sócia. Mas fica a pergunta: qual a lógica do bilionário ter convidado aquela turma para um fim de semana em sua ilha para brincarem de detetive? Exibicionismo? Sadismo? Masoquismo? Isso o roteirista não soube explicar.

SOPINHA DE LETRINHAS

Duas amigas não se viam havia muito, na verdade, quase uma década, e simplesmente trombaram em uma esquina.

- Querida! Há quanto tempo?! – Disse a Primeira, efusiva e calorosa.

A outra, vamos chamá-la de Segunda, meio constrangida e sem graça, demonstrou uma certa irritação com o encontro.

- Oi... Como vai?... – Se queria dar uma ducha de água-fria, o tiro foi certo. Mas a Primeira recuperou-se logo.

- E a vida?... Como estão os meninos e o Cauê?

A Segunda, nitidamente agastada e com os nervos à flor-da-pele, atacou-a ríspida:

- Olha, você parou no tempo?! – Pôs as mãos nas cadeiras e sacudiu-se agitada - ... Não percebe o que está dizendo?

- Como assim?!... – Encabulada, não compreendia a reação meio intempestiva da amiga.

- Ora, primeiro, você me chama de querida, quando por educação deveria se referir a mim como queride. Depois chama de meninos os meus filhxs, quando sabe qe tenho filhas, a despeito de, no passado, eles terem sido filho e filha, depois se tornaram dois filhos, e em seguida duas filhas, até se convencerem de que filho e filha era uma construção social e ambos se autodenominaram filhe, e tudo se tornou igualitário em casa, de sorte que não tenho filho ou filha, ou filhos, ou qualquer outra bobagem imperialista, mas tenho filhxs ou se preferir filhas... Hoje, estamos todos livres dessas imposições patriarcais, machistas e discriminatórias, entendeu?!

A Primeira, aturdida com o bombardeio verborrágico da amiga... Raios!... será que poderia chamá-la assim sem receber outra avalanche de tagarelice?... Esperou recuperar-se, e prosseguiu:

- Bem, desculpe-me! Não quis molestá-la... ops!... desculpe-me de novo, molestá-lch...

- Tsc...tsc...tsc... Não é "lch", mas "lx"... troque o "ch" por "x", mas parece que você tem muita dificuldade em pronunciar o "x" então use o "e", molestá-le, pois o sentido permanece neutro e fica mais fácil para mentes menos treinadas...

Por que a preferência por "x" e "e"? Não poderia ser "ss", "sz", "ii" ou até mesmo "ps" ou outra coisa qualquer? Não era, tal qual a amiga se dispunha a explicar, outra forma de imposição, de estrutura criada com o fim de apenas substituir 1 por 2 e 2 por 1?... Onde estava mesmo a liberdade já que

simplesmente deixava de atender à norma culta para absorver outra, só que feia, terrivelmente feia, tanto ao pronunciar como ao escrever, sem qualquer sentido prático ou lógico, apenas uma neurose e a disposição de negar a própria realidade.

- Sim... Acho que sim... vou tentar... – E pensou em voltar à normalidade coloquial, sem saber se conseguiria ou não, após respirar fundo e por alguns segundos.

- E o Cauê, como está? – enquanto pensava: "ainda bem que Cauê já é neutro... ou será que o "ê" no final não representa a neutralidade do "e" sem o acento circunflexo?... Ah, vou encurtar o papo", sentenciou.

- Ele não se chama mais Cauê mas Cauêe... - disse séria, a Segunda – Depois de muito tempo com o tratamento psicológico e terapêutico, chegou à conclusão da necessidade em acrescentar o "e" à identidade, como forma de se distanciar do padrão retrógrado do passado... do ser pouco evoluído que era... – E prosseguiu – Estamos separados... Ele se descobriu mulher durante as consultas e eu me descobri homem... Mas posso voltar a ser mulher, permanecer homem, ou me tornar outra coisa já que sou livre, não estou aprisionado no corpo, na alma ou no espírito... Posso ser o que quiser, estar onde quiser e viver o que quiser, concluiu.

A primeira, inculcada com o discurso sem pé nem cabeça da amiga, ex-amiga ou amigo, ou seja lá o quê, imaginou dando-lhe as costas e sair em disparada para bem longe de toda aquela loucura... Onde era visível a neutralidade de inteligência...

- Ele agora é mulher?... E você, homem?

- Sim, por quê?... Algum preconceito ou discriminação?...

- Não, não... É que ele parecia tão machão e você tão... é... deixe-me pensar... feminina...

- Nada me impede de ser feminina e homem, nem ele ser machão e mulher... Tudo isso são rótulos antiquados e medievais a tolher a liberdade e vontade das gente...

- Bem, acho que vou indo... Tenho um compromisso agora...

A outra encarou-a de alto a baixo, detendo-se nas partes salientes e proeminentes da Primeira. Reforçou o tom de voz, quase vibrando-a em cada sílaba, e disse:

- Humm... Você está muito bem, amadureceu sem apodrecer ou estragar nada... está bonita... Abandonei a minha namorada semana passada... A gente podia prolongar o nosso papo em outro lugar, o que acha?

- Eu?! Com você?!!

- Por que, não?!... Está me segregando, sua reacionária?! – E encurralou a Primeira com um olhar pétreo.

- Não... É que acabei de me descobrir homem... – Disse a Primeira.

E deu no pé, rápido como um corisco, antes da amiga, ex-amiga ou seja lá o que ela fosse, mudasse rápida e novamente a identidade.

bombas **HUMANAS**

Com essa moda das mulheres gladiadoras, aumentou o número de cirurgias para a retirada de “excesso clitoridiano”, nome delicado que poderíamos classificar como “extração de hemipênis”, ou seja, as mulheres acabam se transformando em homens, face ao indevido consumo de hormônios masculinos, mas não se pode falar sobre isso, pois é proibido: afinal, um novo gênero sexual surge nesses tempos modernos e é preciso respeitar tal diversidade.



Com tanta química nos corpos e com essa possível inversão da produção de gametas, não sabemos o que está por vir, e como será uma nova geração alienígena, com o nascimento de seres verdes com cabeças enormes e olhos gigantescos, assim como nos descrevem a imagem dos extraterrestres, que, possivelmente, são os nossos parentes do futuro que estão voltando para tentarem consertar as besterias que fizemos.



Enquanto isso, os homens bombados, ao contrário, vão vendo o seu membro viril “minguar”, pois o efeito no organismo masculino é o contrário. E alguns ainda passam a desenvolver mamas volumosas, sendo registrados casos de marmanjos que se tornam tecnicamente capazes de amamentar crianças.





EU & MINHA BARRIGA

um conto de Michel Salomão

Cinquenta anos, cabelos grisalhos, porte atlético, mas bom de garfo, e ele possuía uma atração sobrenatural por cerveja, que tomava quase todos os dias, mais especialmente na sexta-feira, depois do futebol com os amigos, ou no sábado, no Clube Campestre, ou também no domingo, no almoço com a família, isso sem contar uma ou outra escapada durante a semana para um happy-hour no Bar do João e, é claro que, por conta desses excessos, uma hora a barriga vem. E veio. Redonda, peluda, motivo de orgulho para todo homem bem sucedido na vida, considerando que a maioria dos magrelos são tristes, principalmente aqueles que se tornam veganos e abstêmios, porque não sabem o que é o sabor de uma loura bem gelada acompanhada de uma bela picanha.

Não se lembrava exatamente de quando a barriga começou a crescer, mas no momento em que se deu conta já estava enorme, rebelde, quase autônoma, e foi quando entendeu que havia se tornado um hospedeiro daquele ser parasita. As roupas ficaram ridículas, para alguém que fora o mais elegante da empresa, com seus ternos feitos sob medida, e que agora, as calças compradas em ofertas de supermercados não conseguiam esconder aquele rego cabeludo e amarronzado.

Além de todos os excessos alcoólicos já mencionados, tinha também as barras de chocolate, que comia escondido da esposa, aquela maldita perseguidora que sempre dava um pulo na sua frente gritando “ráááá: já vai comer de novo”? Aquilo foi alimentando um sentimento de ódio e até pensou em contratar um matador de aluguel, mas o dinheiro que gastaria seria suficiente para comprar centenas de latinhas, e então resolveu relevar, chegando a adquirir uma cinta cor da pele, que vestiu com a maior dificuldade, mesmo desconfiado que não era coisa de macho, mas até que melhorou um pouco a silhueta, apesar de quase lhe cortar a respiração.

Quando olhava o reflexo do seu corpo nas vitrines, não conseguia acreditar que na juventude fazia abdominais com o treinador batendo em sua barriga com um taco de baseball, mas agora o volume da pança o tornava irreconhecível.

Estava se sentindo cansado. Talvez pelo trabalho entediante como corretor de seguros na empresa do sogro. Não tinha nada a reclamar contra ele, mas achava que já era hora de alçar um voo solo, ter a sua própria empresa, pois a sua carteira de clientes era extensa e possivelmente quase todos iriam acompanhá-lo, caso montasse seu próprio negócio. Era algo a se pensar.

Em uma tarde dessas, estava saindo de uma lanchonete, onde acabara de destrinchar uma coxinha, ou melhor, coxona, recheada com requeijão, e pediu também um pão de queijo, uma fatia de bolo de fubá com queijo e coco, além de um cappuchino duplo, e foi quando ouviu uma voz bem fraquinha chamando “mamãe”.

Olhou para os lados e não havia ninguém por perto, mas não poderia ter sido imaginação. Era uma voz de criança, um bebê, e apesar de abafada, parecia estar muito próxima. Resolveu seguir adiante, pois ainda teria que receber um cliente, que fecharia um importante seguro de sua indústria, e aquilo iria lhe render uma bela viagem de final de ano, a título de comissão, e certamente iria para o Sul, para poder comer um maravilhoso café colonial em um hotel 4 estrelas. Mas antes de sair à rua, ouviu novamente, com muita nitidez, “mamãe”, ao mesmo tempo em que sentiu um movimento involuntário na barriga. Foi de lá que partiu a voz. Não havia dúvida.

Assombrado, lentamente cutucou a barriga com o dedo indicador e instantaneamente ouviu um risinho infantil. Aquilo não poderia ser verdade. Era impossível. Não poderia estar grávido. E mesmo se estivesse, uma criança não fala daquele jeito, dentro da barriga. Assim, naquele mesmo dia resolveu marcar uma consulta médica para o final da tarde, a fim de saber o que estava acontecendo. Porém, um psiquiatra seria melhor indicado.

A reunião com o cliente não foi das melhores, pois ele resolveu consultar outras seguradoras, talvez porque não tenha se empenhado tanto em convencê-lo, considerando que em situações normais jamais perderia uma conta dessas, mas foi até um alívio, porque não via a hora de sair correndo para a consulta, e quando chegou ao consultório percebeu que havia três mulheres grávidas sentadas na sala de espera, talvez uma coincidência, pois era um clínico geral, e não um obstetra, mas esperou pacientemente até a hora de ser atendido.

Chegada a sua vez, falou com o médico que a barriga o estava incomodando, e que estaria escutando alguns barulhos, uma espécie de ronco, e o outro o tranquilizou dizendo que poderiam ser gases, mas pegou um aparelho e ficou observando durante algum tempo, até concluir que não havia nada. Deve ser a azeitona, brincou o médico. Ainda assim, pediu para fazer um ultrassom, e o médico disse que não precisava, mas depois de muita insistência, acabou aceitando.

A sala do exame ficava ao lado e ele pôde acompanhar pelo visor que não havia mesmo nada dentro daquela sua vergonhosa barriga, além de um estoque de gordura provocada por malte e lúpulo misturado com a porcariada que não hesitava em comer.

De certa forma, saiu tranquilizado, mas não precisou rodar mais de 1 quilômetro de carro, quando ouviu mais uma vez a vizinha dizendo “mamãe”. Freou bruscamente o veículo e só teve como falar “que mamãe o quê”? O motorista que vinha atrás enfiou a mão na buzina e ainda emparelhou o seu carro com o dele, xingando toda espécie de palavrão que havia no dicionário.

Chegando em casa, resolveu cutucar a barriga com o dedo mais uma vez, e da mesma forma que antes, escutou nitidamente a risadinha. Estaria enlouquecendo?

“Mamãe”, “mamãe”, chamou a voz, e ele, já incomodado, argumentou: “por quê não papai”? E a vizinha passou a repetir por várias vezes: “papai”, “papai”, “papai”, e ele: “assim tá melhor”.

Só não sabia o que fazer quanto a esposa chegasse. Certamente, iria repreendê-lo por ter bebido durante todos esses anos, o que não tinha nenhuma relação do fato de ter uma barriga falante, ou melhor, pensava que não, mas os produtos químicos que colocam para produzir e para conservar a cerveja poderiam ter alterado a sua genética, criando esse fenômeno inexplicável.

Correu para a internet e pesquisou se havia algum caso de barriga falante no Brasil ou no mundo, e sua possível relação com o consumo de cerveja, mas não encontrou absolutamente nada.

Quando sua esposa chegasse, contaria tudo para ela, mas pediria que não repassasse para o seu cunhado, que era um fanfarrão e zoaria muito dele, e não há dúvida que espalharia nas redes sociais, anunciando a todos que estaria embuchado.

Porém, repentinamente começou a sentir umas fortes contrações, acompanhadas de suor frio, e foi quando teve a genial ideia de marcar a sequência dos movimentos involuntários, respirando profundamente e contando até que se verificasse a nova contração, do jeito que aprendeu no curso de parto que fez com a esposa, na época em que esperavam o primeiro filho, e mesmo estando certo de que não se tratava de uma gestação, achou melhor seguir essas orientações, pois amenizavam um pouco a cólica que sentia, enquanto a vizinha não parava de falar “papai”, “mamãe”, e depois “eu te amo”, “eu te amo”, e foi quando ele pensou que se ficassem juntos por mais um tempo ela acabaria aprendendo uma série de palavras e poderiam até conversar sobre assuntos variados, sobre teatro, cinema, literatura, culinária, curiosidades, mas a dor foi apertando, apertando, até tornar-se insuportável a ponto de pensar que iria desmaiar, mas repentinamente sentiu um grande alívio. Acordou com a cueca toda cagada, enquanto a esposa roncava ao lado, e só aí percebeu que tudo não passara de um sonho.



UM VERDADEIRO FESTIVAL DE ABSURDOS

A Terra pode não ser plana, mas o Brasil está cheio de gente CHATA. Neste momento que estamos vivendo, tudo se torna ofensivo, sob o risco de ir parar nos tribunais. Em recente processo, certa autoridade decidiu enquadrar um homem que chamou outro homem de homem no crime de injúria racial. Como é que é? Não pode mais chamar homem de homem?

Parem o Brasil que eu quero descer!

Em última hipótese, não seria injúria sexual?

Ah, sim, entendi: é que no ordenamento jurídico não existe essa figura, e precisavam punir de qualquer jeito o malvado ofensor, e considerando que não há crime sem lei anterior que o defina, precisaram arranjar um outro jeito de punir o perigoso meliante.

Mas voltando ao caso do injuriado, ele tinha cara de homem, corpo de homem e parece que até o bilau estava lá, intacto, mas colocou uma peruca, passou uma maquiagem e se achava uma mulher perfeita. E ponto final. Ninguém pode questionar.

Se o cara quiser entrar em banheiro feminino e colocar a manjuba pra fora, pra ajeitar a calcinha de renda, PODE fazer numa boa, e aí de quem reclamar: vai parar nos tribunais e pode pegar uma cana brava.



A coisa está desse jeito. Falar que gordo é gordo também não pode: é gordofobia. Mas quem é que tem fobia de gordo? “Ai, um gordo vem aí, que medo”. Ninguém faz isso. Além do mais, se alguém realmente sentir medo de gordo, é só correr, pois eles geralmente são muito lentos. E ainda temos que estar atentos para as seguintes manifestações fóbicas, sob pena de sermos severamente punidos: carecofobia, magrelofobia, quatrolhofobia, machofobia, feminofobia, cristãofobia, ateufobia, macdonaldofobia, servidorpublicofobia, bombadãofobia, políticofobia, tvglobofobia, esquerdistofobia, conservadoristofobia, lulofobia, bolsonarofobia, claudiaraiofobia, entre outras.

Tudo acaba em processo. Isso também pode criar um sério problema para os advogados, que ao tentarem defender esses perigosos criminosos, podem ser enquadrados como coautores, pois não há mais garantias do livre exercício profissional, como ocorre com políticos e jornalistas contrários ao regime, que estão proibidos de se expressar.

SÉRIES ANTIGAS

Guido Malaparte

Tenho assistido a muitas séries antigas, aquelas dos anos 60, 70 e 80 que apenas os velhos se interessam. Eu não vivi esses tempos, mas de alguma forma tenho saudades do não visto e vivido em relação ao que vejo e vivo por estas bandas tupiniquins. As razões são, sem ordem de importância:

- 1- Nostalgia, pura e simples (nem Freud explica);
- 2- Fugir da loucura e psicopatia dos filmes e séries atuais (com raríssimas exceções), e acabam por refletir uma vida de delírios, mulas sem cabeças e unicórnios a povoar as mentes e as línguas de muitos;
- 3- Avaliar a veracidade quanto ao nível de opressão e falta



de liberdade no passado, onde, segundo os ideólogos e especialistas de plantão, as pessoas andavam em correntes e jaulas enquanto eram marcadas a ferrete;

- 4- Constatar os valores perdidos ou a se perder, hoje e amanhã;

- 5- Entender a razão de tanto ódio a uma existência mais simples e menos combativa e belicosa (quero dizer, lacradora);

- 6- E, por fim, divertir sem me sentir culpado por dar risadas frugais ou derramar aquela lágrima emotiva.

Bem, pode parecer muito, mas a verdade é que raras coisas na atualidade motiva-me o interesse, e muitas

vezes faz-me sentir como se estivesse em um hospício a céu aberto, cercado de loucos por todos os lados. Fico a imaginar um(a) “militante politicamente correta” assistindo, por exemplo, um capítulo de “A Feiticeira” ou “Jeannie é um gênio”. No primeiro caso, uma mulher literalmente “empoderada”, pois possui poderes sobrenaturais para satisfazer praticamente todos os seus desejos, se submeter alegremente a uma vida simplória e trivial de esposa e mulher do lar. Por amor ao seu marido James, Samantha deseja se tornar a melhor esposa, mãe e dona de casa. Nem

sempre consegue, mas é o seu objetivo de vida.

Imagino o(a) militante quebrando a tv, a amaldiçoar Elizabeth Montgomery e Dick York por toda a vida... e nem preciso entrar nos detalhes.

No segundo caso, Jeannie é um figura dos contos de fadas, capaz de realizar qualquer desejo do seu “amo”, o Coronel Nelson, que a encontrou em uma garrafa em uma ilha deserta. Ela pode fazer tudo, mas quer apenas e tão somente o amor e a atenção do seu amo, e a sua maneira desastrada e ingênua cria situações hilárias ao colocar em apuros o alvo do seu amor. Qualquer militante seria incapaz de se divertir com as peripécias de Samantha e Jeannie, pelo simples fato de imaginar aqui e acolá elementos claramente discriminatórios, opressores e estereotipados das mulheres. A ideia dos produtores e diretores e atores era apenas divertir o maior número de pessoas, arrancar delas risadas e momentos de descontração. Mas a militância não vê nada além de culpados e réus confessos, a difundir o domínio e a hegemonia do patriarcado. O pensamento dessa turma é linear, como uma extensa área inóspita e estéril no deserto, onde não se pode produzir nada de bom.

Voltando ao seriado “A Feiticeira”, em uma cena onde Stevens e Tate conversam sobre a suposta gravidez de Samantha, ouve-se o seguinte diálogo:

- O que você espera, James? – Diz Larry.

- Ora, menino ou menina! – Responde Stevens.

Se fosse hoje, provavelmente em uma sala de aula, consultórios terapêuticos ou em ambientes descolados (a minoria da minoria minoritária) a resposta seria um daqueles antigos catálogos telefônicos... E aí de quem não estiver atualizado com as últimas novidades e modelos listados e se esquecer de um deles: a Gestapo o enviará ao Gulag mais próximo.



CONVERSA DE CRENTE

por Miche Salomão

FÉ E ESPERANÇA

Acreditar que Jesus é o filho de Deus e veio ao mundo para nos salvar, que foi morto e ressuscitou após o terceiro dia é um ato de FÉ. Acreditar que as pessoas possam ser curadas, que consigam se safar de um grave acidente, obter o perdão de uma dívida, obter um novo emprego ou ganhar na loteria é ter ESPERANÇA.

Porém, imaginar que tudo isso possa acontecer com a intervenção de Jesus, e não por conta das probabilidades, é um ato de FÉ.

O certo é podermos conciliar FÉ e ESPERANÇA, estando cientes de que nem todos os nossos desejos serão atendidos, possivelmente, porque, apesar de termos ESPERANÇA, não exercemos adequadamente a nossa FÉ.

O simples fato de pedir não nos garante o resultado positivo. Às vezes demora. Ou pode ser que nem venha, pois pode existir outro propósito para a vida da daquele que crê, cujos reflexos podem mudar a vida da aquele que ainda não crê, mas que crerá, influenciado pelos novos acontecimentos.

Sobre este assunto, vale mencionar a passagem bíblica do livro de Jó, que fala de um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se desviava do mal.

Deus havia comentado com Satanás (esse mesmo, o capeta) que não havia no mundo ninguém com uma fé tão grande quando aquele bom homem, mas o capiroto maliciosamente falou que o outro só era assim porque tinha uma vida boa, com a proteção do Criador, e assim Deus aceitou o desafio e autorizou o maligno a fazer o que quisesse, menos matá-lo, pois ainda assim Jó não abandonaria a sua fé.

E assim Jó perdeu todos os bens e o dinheiro que tinha, morreram os filhos e os animais, perdeu as colheitas, pegou uma doença grave que deixou a pele cheia de chagas terríveis, chegando a ponto de a sua esposa dizer a ele para amaldiçoar a Deus e morrer.

Mas Jó não perdeu a fé, e sua vida mudou: ficou totalmente curado, teve novos filhos e reconquistou tudo o que tinha e conseguiu ainda mais.

Alguns vão ficar perguntando: pra quê Deus estava dando trela para o Coisa Ruim? Mas tem que entender que se trata de uma parábola, pois o livro é formado por um prólogo e um epílogo em prosa, com diálogos e monólogos em verso, sendo a autoria atribuída a Moisés ou a outro autor israelita, escrito entre os séculos VII a IV a.C.

E qual seria o objetivo do autor, com essa mensagem? Dizer a você para ter FÉ e não perder a ESPERANÇA.

CRY MACHO

Othon Cávado

Ontem, assisti ao último filme de Clint Eastwood, “Cry Macho”, título irônico mas capaz de desagradar uma boa parte de espectadores, porque não tem muita ação, nem reviravoltas mirabolantes, ou sangue e células espalhadas em paredes, pisos e adereços. O filme nos dá a ideia do quanto Eastwood se divertiu ao produzir, dirigir e protagonizar a película. E é impossível, ao menos o foi para mim, não se divertir também. O roteiro é simples, a trama não é intrincada, não existem discussões ou defesas de pautas das agendas progressistas (sic), porque é um filme igualmente simples, a falar da vida, para a maioria das pessoas, e não para um grupo minúsculo de iluminados, ansiosos por um Mickey gay, um Super-Homem trans ou um Padre Brown a usar linguagem neutra. Em suas obstinações por fazerem-se ouvir, não ouvem ninguém, na verdade, não se interessam em ouvir nada além da própria voz e o ecoar em seus pares, em patrulhar a vida alheia como se fossem membros da Gestapo, KGB ou Stasi. Enquanto os fofoqueiros do passado especializavam-se em não serem descobertos ao disseminarem seus fuxicos (muitas vezes apenas por simples diversão), as novas patrulhas de fofoqueiros querem a censura, a prisão e em alguns casos a morte dos acusados. E qual o crime?... Pensar fora da caixa oca, ou melhor, da caixa transbordando esterco na qual eles boiam.

Eastwood não fez um filme para ganhar o Oscar e encher páginas de jornais e sites especializados em cinema de lorota e lenga-lenga ideológica ou intelectualóide.

Do alto dos seus mais de 90 anos, quis fazer algo divertido e no qual se divertisse. Evidente ser um filme de qualidade, afinal, é possível se divertir sem abrir mão do talento e habilidade, e talento e habilidade podem aumentar em muito a diversão... E quanto menos pretensioso, maior a chance de dar certo, como é o caso em questão.

Não entendo a queixa dos detratores, e mesmo a falta de argumentos. Uma rápida pesquisa na web e verá a maioria dos comentadores falarem da idade do Clint, do andar titubeante, de já passar da hora de se aposentar, e variações do tema. Quase não existe a análise da obra em si, e quais seriam os pontos favoráveis e negativos. Parece um fetiche com a idade propecta do astro, capaz de ainda produzir, dirigir e protagonizar sem criar um pastiche de si mesmo ou de sua obra, enquanto a maioria dos “mortais” anseia aposentar-se aos cinquenta e não fazer mais nada na vida. Isso deve dar uma inveja e uma dor de cotovelo danada... e certamente tem tudo a ver com a longevidade artística de Eastwood.



Esta geração, tão acostumada a zumbis e vampiros, monstros e heróis de vidro, enquanto vivem a irrealidade do Meta Verso, RPG e um mundo onde poderiam tomar altas doses de adrenalina em amostra grátis, não está preparada para a vida real, para as coisas elementares e fundamentais, para a simplicidade, a fraternidade, gestos ingênuos e despreziosos, atitudes delicadas, suaves e acolhedoras, tudo isso sem uma lei por detrás ou o discurso inflamado da última “bolacha do pacote”. “Cry Macho” ultrapassa em muito a caricatura na qual se transformou Hollywood e seu discurso panfletário e hipócrita (com raríssimas exceções, como neste caso): as pessoas são comuns, os problemas são comuns, as soluções nem sempre são perfeitas e absolutas, mas existe lugar para a verdadeira empatia, identificação, sem a necessidade de se ditar regras e fórmulas a se repetir pela ação da epinefrina, especialmente na área da língua e cordas vocais e quase nada no intelecto dos replicadores de patrulhas.

Por falar em galos (sei que ninguém tocou nisso por aqui), a prova das intenções de Eastwood estão evidenciadas no fato de o herói, no sentido audacioso e intrépido do termo, ser o galo “Macho”, do pequeno Rafa (Eduardo Minetti), o garoto a quem Mike (Clint) foi buscar no México para entregá-lo ao pai, no Texas. Ao receber “Macho” como presente, Mike promete cuidar do herói, numa alusão à cumplicidade e a troca de experiências; o “Macho” de Mike não é o mesmo de Rafa, mas não é impossível compartilhá-lo e, até mesmo, discutir sua importância, sem que para isso sejam forçados ao inexorável antagonismo.

Infelizmente, hoje em dia nada é inocente, ingênuo ou honesto.

Sempre existe um culpado ou culpados pelo não dito e pelo não feito, mas supostamente dito e feito na mente dos inquisidores modernos, dispostos a, via de regra, e à revelia¹, imputar e culpar qualquer um a contrariar-lhes delírios e incoerências mentais, desde que não seja a si mesmo e seus análogos. Faz parte da guerra; e se não há inimigos é preciso criá-los de qualquer maneira, nem que seja forjando conflitos, trincheiras e barreiras onde sequer eram imagináveis. Orwell acertou em cheio ao descrever a novilíngua destes tempos, a Stasi a dominar consciências e objetivos nada lúcidos e realistas.

comida de POBRE



Pobre come onde é mais barato, mesmo que na comida tenha barata. Sei que dá nojo falar sobre essas coisas, mas não deixe de ler este artigo por causa de seu preconceito contra esses pobrezinhos artrópodes.

Quem já foi pobre sabe o que é ter que almoçar em pé, em um boteco cheio de marmanjo suado, no centro de Belo Horizonte, com direito a um fresquinho meio mentiroso, feito com alguma fruta não catalogada, servido em um copinho descartável de 200ml, para ajudar a gororoba a cair pra dentro.

Um belo dia estava eu em um desses estabelecimentos, comendo um feijão tropeiro habitualmente em pé, na ponta do balcão, espremido entre dois caras que nunca ouviram falar na palavra "desodorante", e ao enfiar o garfo, eis surge uma baratinha tostada, rodeada por feijão, ovo, couve, cebola e farinha. Se estivesse na China seria um "plus" e pagaria mais caro por isso, mas como estava no Brasil, reclamei com o atendente e acabei não pagando pela refeição (tinha comido a metade), mesmo diante da insistência do rapaz em servir outro prato, talvez não premiado, e assim decidi que dali em diante nunca mais voltar naquele lugar.

Comentei sobre o ocorrido com vários colegas do serviço, sugerindo que não fossem lá, mas não é que no dia seguinte, passando em frente ao estabelecimento, vejo um deles em pé, junto ao balcão, comendo exatamente o famoso feijão tropeiro com "surpresinha"? Talvez ele fosse chinês e eu não sabia. Só espero que os chineses não achem ruim por insinuar que eles comem baratas. As baratas deles não são bem baratas, são uns bichões grandes parecendo um besouro, são pretos, carnudos, mas eles também comem os escorpiões, gafanhotos, larvas, morcegos e outros bichos estranhos, totalmente diferentes dos nossos, é claro.

Para falar a verdade, quem come camarão não pode reclamar de barata, pois ambos possuem a mesma função de comer lixo podre, tem anteninhas e perninhas esquisitas, e o camarão ainda tem fezes na cabeça, com o o intestino passando pelas costas.

Mas vamos deixar de lado o passado, para dizer que um dia desses, agora não tão pobre, estava com pressa e fiz a besteira de escolher um dos "pratos feitos" do restaurante Sabor Grelhados, no BH Shopping, em Belo Horizonte. Já havia comido lá algumas vezes, e pensei que depois da reforma que fizeram, poderiam ter melhorado a comida, que já não era lá grande coisa, mas o que importava era o preço. Por R\$28,90 escolhi peito de frango grelhado, arroz, batata fritas e penne à bolonhesa.

Podem criticar à vontade essa combinação, pela falta elementos saudáveis, como verduras e legumes, mas no passado já havia pedido essas opções e não me dei bem. Tinha uns bichinhos pretos no brócolis e o alface e o tomate estavam meio vencidos. Tive ainda o cuidado de pedir para deixarem a carne mais bem passada, pois da última vez o frango estava praticamente cru, o que é insuportável.

A comida não demorou muito a chegar, e quando olhei o prato já desconfiei que algo não estava legal, pois sobre o macarrão frio colocaram uma colher de molho de tomate ressecado com alguma coisa que parecia ser carne moída, só não posso precisar a qual espécie animal pertencia, e nem tiveram o trabalho de esquentar o bagulho,

O frango tinha umas leves marcas da grelha, mas por dentro estava cru e resistente como uma borracha, e ainda tinha muito, muito, mas muito sal. Não deu para comer, é claro.

Resolvi que era melhor não devolver o pedido, porque poderiam alegar que era frescura minha e daí começaria uma discussão desnecessária que poderia acabar em quebra-pau, e além do mais tinha um monte de gente comendo aquela porcaria com a maior boca boa, mas prometi assumir o compromisso de trazer isso a público, mesmo sabendo que, possivelmente, algum pobre ficará curioso e irá até lá experimentar aquela coisa ruim. Contudo, cumpri com o meu dever cívico em avisar.

SEGURO



Neste mundo em que vivemos, não há nada definitivo, estável, permanente, duradouro, mas ainda assim as pessoas ficam em busca de uma segurança que não existe, e recorrem aos mais variados planos de seguro para tentarem repor parte dos prejuízos sofridos. Tem seguro contra acidentes de automóveis, de barcos, de aviões, de casa, de apartamento, até de peitos, bundas e órgãos sexuais. Sim, tem gente fazendo seguro de seu instrumento de trabalho, e os valores segurados podem ser altíssimos.

Mas os seguros cobrem perdas em situações normais, e não garantem o prêmio em caso de vendavais, tsunamis ou terremotos, igual ao que aconteceu recentemente na Turquia. Quem poderia imaginar que o seu prédio iria desabar, que a sua empresa desapareceria em um buraco, que perderia

parentes e amigos e que toda a sua vida seria abalada?

Contudo, no Brasil, a preocupação é outra, pois dificilmente ocorrem esses tipos de fenômenos naturais: são os assaltos que tiram o sono de qualquer brasileiro, que é obrigado a fazer um seguro para o smartphone, para o tablet, para o notebook, para o carro, para a moto, para a casa, porque os ladrões não descansam um só instante, e a coisa está tão feia que o sindicato dos assaltantes está pensando em regulamentar o pagamento de horas extras, 13º e férias para seus membros, pois alegam que a rotina está estafante.

Podemos arriscar a dizer que o Brasil é o país onde mais existem ladrões por metro quadrado, sendo que a maior concentração ocorre nos Poderes da República. Não se pode dar bobeira um só minuto. Se gritar “pega ladrão”, não fica um, meu irmão.



PIADAS SUPER MANJADAS

Paciente: Oh doutor, estou tão nervoso. Esta é minha primeira operação.

Médico: Coincidência: é a minha também.

Dois amigos conversando...

-Meu pai quer que eu faça Direito e seja um bom Advogado.

-Que bom, vai seguir a profissão do velho?

-Não, ele quer que o livre da cadeia.

Sempre que o homem entrava no bar, pedia dois chopps, com a exigência de que fossem servidos ao mesmo tempo.

Certo dia, o garçom resolveu perguntar ao freguês por que ele sempre pedia os dois chopps. Afinal, não seria melhor pedir um de cada vez?

- Um é para mim. O outro é em homenagem a um grande amigo que mora muito longe daqui.

Um dia o homem o homem entrou no bar e pediu apenas um chopp. O garçom estranhou o pedido e perguntou o que havia acontecido com o amigo.

- Não é isso, não. É que eu parei de beber.

Na hora do almoço, a menina se recusa a comer. Então a mãe diz:

- Aninha, se você não comer, vou chamar o Bicho-papão.

- Pode chamar, mamãe. Duvido que ele coma essa porcaria de comida.

Um homem vai a uma loja para comprar um novo celular.

-Modelo? - pergunta o atendente.

-Não, eu sou mecânico, mas obrigado pelo elogio: a-do-rei!

Querido, onde está aquele livro "Como viver 100 anos"?

- Joguei fora!

- Jogou fora? Por quê?

- É que sua mãe vem nos visitar amanhã e eu não quero que ela leia essas coisas!

Um casal foi ao cartório registrar o filho. O funcionário do cartório perguntou:

- Qual é o nome?

- Edson.

- Qual a data do nascimento?

- Ele ainda não nasceu.

- Então não vai ser possível registrar a criança. Quando ela nascer, vocês podem voltar que eu registro.

Um mês depois, o casal voltou. O funcionário já se preparava para registrar a criança como Edson quando o casal avisou que havia mudado de ideia. O filho deveria se chamar Pelé.

- Por quê? - perguntou o funcionário.

- Porque Edson era antes do Nascimento.

O funcionário reclama do baixo salário que recebe e resolve reclamar com o patrão:

— Meu salário não está compatível com as minhas aptidões!

— Eu sei, eu sei! Mas não podemos deixar você morrer de fome.

Joãozinho foi o único aluno da classe a acertar o problema matemático que a professora havia dado de lição. Desconfiada, ela pergunta:

- Joãozinho, você fez a lição junto com seu pai?

- Claro que não, professora!

- Que ótima notícia, Joãozinho!

- Meu pai fez sozinho mesmo.

A professora pergunta pro Joãozinho:

- Joãozinho, se eu lhe der dois gatos e depois mais dois gatos, mais dois gatos, quantos gatos você terá?

- Cinco.

- Acho que o Joãozinho não entendeu a pergunta. Eu lhe dou dois gatos e depois lhe dou mais dois gatos. Com quantos gatos você fica?

- Cinco, professora.

- Vamos mudar a pergunta. Eu lhe dou duas laranjas e mais duas laranjas. Com quantas laranjas você fica?

- Quatro.

- Muito bem, Joãozinho! Agora vamos voltar ao exemplo dos gatos. Dois gatos, mais dois gatos: com quantos gatos você fica?

- Cinco.

- Mas por que cinco, Joãozinho?

- É porque eu já tenho um gato em casa.